

TEATRO DE RUA

Adailtom Alves Teixeira
Alexandre Falcão de Araújo

Adailtom Alves Teixeira
Professor da Licenciatura
em Teatro da Universidade
Federal de Rondônia; mestre
em Artes pelo Instituto
de Artes da UNESP; ator e
diretor teatral; articulador da
Rede Brasileira de Teatro de
Rua; membro do GT Artes
Cênicas na Rua – ABRACE.

Alexandre Falcão de
Araújo
Professor da Licenciatura
em Teatro da Universidade
Federal de Rondônia; mestre
em Artes pela Universidade
Estadual Paulista - Unesp
(2013); ator formado pela
Escola Livre de Teatro de
Santo André -ELT (2011).

O Grupo de Trabalho (GT) Artes Cênicas na Rua, da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), o mais jovem GT dessa instituição, realizou, entre 21 e 25 de julho de 2015, na cidade de Porto Velho, sua I Reunião Artístico Científica fora dos encontros regulares da associação. Além da Reunião, artistas e pesquisadores compartilharam ideias e pensamentos acerca do teatro de rua, graças a 8ª edição do Festival Amazônia Encena na Rua, realizado pelo Serviço Social do Comércio (Sesc)-RO, nesse mesmo período. Parte do encontro, que teve a realização do Departamento de Artes (DArtes) e da Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis (PROCEA) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), foi direcionado para uma discussão sobre o papel das licenciaturas em teatro, reunindo professores da UNIR e da Universidade Federal do Acre (UFAC). Logo se vê que foram dias de intenso debate e aprendizado.

A programação incluiu ainda apresentação de pesquisas, organização do GT e três cursos: “Teatro do Oprimido, de Augusto Boal”, ministrado por Licko Turle, coordenador do GT Artes Cênicas na Rua; “Crítica Teatral para Espetáculos de Rua”, ministrado por Alexandre Mate, professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP); e “Commedia Dell’Arte”, ministrado por Ivanildo Piccoli, professor de teatro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

O Dossiê que ora apresentamos é parte significativa da efervescência daqueles dias: inclui pequenos artigos acerca de algumas comunicações de pesquisa realizadas na Reunião Científica, críticas de alguns espetáculos (resultado do

curso com o prof. Alexandre Mate) e o registro iconográfico realizado por integrantes da Agenda Porto Velho, que fotografou todo o festival Amazônia Encena na Rua.

Vale a pena destacar alguns aspectos do Dossiê de Teatro de Rua, pois ele revela, em grande medida, a função social do teatro e sua capacidade de intervenção social. É possível distribuir e organizar os escritos, tanto os artigos como as críticas aqui apresentados, em dois grupos: uma prática voltada para as tradições populares e outra de caráter mais intervencionista, isto é, que se imiscui na urbanidade ao mesmo tempo em que a modifica. Os dois aspectos têm caráter político.

A arte popular, além de ser repositório de uma sabedoria milenar, sempre teve que se valer de muita astúcia para poder sobreviver. Basta lembrar que muitos artistas populares foram financiados pelas próprias pessoas a quem criticavam, como os coronéis que bancavam festas de bois-bumbás e apresentações de mamulengos. Na presença do financiador acontece um espetáculo e quando este se retira, acontece outro, entre os iguais, artistas e público, irmanados na crítica aos mandatários, aos patrões. Os elementos populares estão presentes nas críticas dos espetáculos dos grupos Dona Zefinha, Oigalê, Mamulengo Sem Fronteiras e na discussão sobre o treinamento do tecido acrobático



Oigalê
Deus e o Diabo na Terra de Miséria
Foto: Leonardo Valério
Agenda Porto Velho

(elemento vindo do circo), proposto por Leonardo Silva e na perspectiva de ator nu apresentada por Osvanilton de Jesus Conceição.

Quanto ao aspecto intervencionista do teatro de rua, cabe dizer que todo teatro de rua, por si só, é uma intervenção. Ao se colocar no espaço aberto, modifica o olhar sobre o espaço urbano e cria novas relações entre transeuntes. No entanto, aqui se apresentam elementos de ordem mais contemporânea da cena de rua, como o teatro de invasão, em que a própria cidade passa a ser integrada no espetáculo, isto é, soma-se como elemento dramático.



Cia Brasileira de
Misteryos e
Novidades
O Uirapuru
Foto: Leonardo Valério
Agenda Porto Velho

Esse aspecto de intervenção direta na cidade fica bastante claro na crítica de Daniel Graziane acerca do espetáculo do grupo Teatro que Roda, de Goiás, bem como nas proposições de fracassos discutidos pelo olhar da recepção, em artigo de Cecília Lauritzen Jácome Campos.

Ora, à medida que a cidade adentra a cena, o poder sobre a recepção, que nunca é pleno, fica ainda mais fugidivo. No entanto, não significa menos interessante e nem menos político, por isso mesmo, a ideia de cotidiano de Michel de Certeau, discutida por Marcelo Rocco Gasparin, é significativa, pois a cidade é o lugar de apreensão das ideologias dominantes. No entanto, existe nela também a possibilidade de desconstrução ou de enfrentamento e o uso da cidade em novas perspectivas, com novas proposições que apontam para isso. Nesse sentido o teatro de rua é uma ferramenta poderosa, já que desorganiza a cidade como ela é, enquanto propõe novos usos, novas organizações.

Eis o primeiro Dossiê da Revista Aluá. Desejamos que sua leitura seja tão proveitosa como foram os dias daquela penúltima semana de julho em que prática, discussão e fruição atuaram sobre os presentes de maneira significativa e prazerosa.

Cia Brasileira de Misteryos e Novidades
O Uirapuru
Foto: Leonardo Valério
Agenda Porto Velho

